Concepção Docente e Abordagens Didático-Metodológicas do tema Sexualidade nas Escolas de Vitória de Santo Antão – PE

Jordany Gomes da Silva[1] e Kênio Erithon Cavalcante Lima[2]
[1]Biólogo Licenciado – UFPE, Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Saúde Humana e Meio Ambiente – UFPE, Graduando em Licenciando plena em Química - IFPE. e-mail: ynadroj_14@hotmail.com
[2]Mestre em Biologia Animal e Professor da UFPE/CAV. e-mail: kelima@ig.com.br

Resumo: Normalmente a sexualidade é lembrada de forma orgânica, procurando na figura do professor de Biologia uma maneira de resolver situações referentes a esse tema. No enfoque desta pesquisa, será tomado como conceito de sexualidade tudo que traz uma sensação de prazer ao indivíduo. A proposta dos PCNs coloca a sexualidade como tema transversal, amenizando a visão segmentária que se tem do saber e do ser humano; no entanto, é provável que haja um recuo dos educadores das diversas áreas do conhecimento quando se fala de sexualidade com justificativas diversas. Como ação norteadora deste projeto, buscamos compreender através de entrevistas como o tema sexualidade é trabalhado na educação de Vitória de Santo Antão. Nossa amostragem constituiu-se de 8 escolas, sendo 05 Pública, sendo deixado três instrumentos de pesquisa em cada, um destes destinado a professores de biologia e os outros dois a professores de outras áreas. Dos 24 questionários entregues, recebemos 14. Caracterizamos o perfil dos professores com perguntas objetivas, e as respostas discursivas categorizamos *a posteriori* para uma análise do conteúdo, baseada nas orientações de Bardin (2004). Identificamos que 64,2% dos professores pesquisados limitam o tema ao aspecto biológico, pouco enfatizando aspectos psicossociais. Um grupo de 35,6% limita à escola, outros 35,6% consideram qualquer local como ambientes propícios para se trabalhar o tema. A principal metodologia utilizada pelos professores na discussão do tema sexualidade ainda é os diálogos, mesmo que dividam opiniões sobre a pertinência ou não de se trabalhar o tema sexualidade em suas disciplinas. Observamos que 42,9% afirmam maior participação dos alunos quando o tema é sexualidade, o que amplia a responsabilidade daqueles em possibilitar momentos de discussão desse tema, onde poucos professores discutem a temática no agir (comportamento) (28,6%) quando comparados aos que insistem em trabalhar sexualidade restrita ao biológico (71,4%).

.

Palavras–chave: biológico; educação; sexualidade; professores; psicossocial

1. INTRODUÇÃO

A adolescência é um período de intensas modificações, tanto em âmbito físico e psicológico, quanto social e cultural do indivíduo, o que diz respeito direto à sexualidade. Comumente, falar de sexualidade é discutir o orgânico do indivíduo; no entanto, a sexualidade também envolve os aspectos psicossociais, pois diz respeito a tudo que trás uma sensação de prazer ao individuo, seja ela um diálogo agradável, um abraço, um aperto de mão, carinho (fraterno, materno, paterno, conjugal entre outros), sorrir, ato sexual, conhecimento corporal entre outros (CHAUÍ, 1985, p. 11).

Normalmente a sexualidade é lembrada de forma orgânica, procurando na figura do professor de ciências ou em profissionais da área da saúde, uma maneira de resolver situações referentes a esse tema; contudo, também preconiza ser olhada com aspectos psicossociais. No enfoque desta pesquisa, será tomado como conceito de sexualidade tudo que traz uma sensação de prazer ao indivíduo, seja ela um diálogo agradável, um abraço, um aperto de mão, carinho (fraterno, materno, paterno, conjugal entre outros), sorrir, ato sexual, conhecimento corporal entre outros. A proposta dos PCNs coloca a sexualidade como tema transversal, amenizando a visão segmentária que se tem do saber e do ser humano; no entanto, é provável que haja um recuo dos educadores das diversas áreas do conhecimento quando se fala de sexualidade com justificativas diversas. Tomando como premissas as questões identificadas anteriormente, o propósito desse trabalho é saber qual a concepção do tema sexualidade e

ISBN 978-85-62830-10-5
VII CONNEPI©2012

sua forma de abordagem metodológica pelos professores do ensino fundamental II e médio no Município de Vitória de Santo Antão.

2. MATERIAL E MÉTODOS

Como ação norteadora deste projeto, buscamos compreender através de entrevistas como o tema sexualidade é trabalhado na educação de Vitória de Santo Antão. Nossa amostragem constituiu-se de 8 (oito) escolas, sendo cinco (05) da Rede Pública, sendo deixado três instrumentos de pesquisa em cada uma, um destes destinado a professores de ciências e/ou biologia e os outros dois a professores de outras áreas de conhecimento. Dos 24 (vinte e quatro) questionários entregues, recebemos 14 (quatorze). Caracterizamos o perfil dos professores com perguntas objetivas, e as respostas discursivas categorizamos a posteriori para uma análise do conteúdo, baseada nas orientações de Bardin (2004).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Quadro 1 – Descrição dos professores entrevistados.

Professor 1 (P1) Professora de uma escola municipal, Licenciada em letras por uma instituição privada, com especialização tem experiência de sala de aula de 10 a 15 anos, leciona Português e Religião.
Professor 2 (P2) Professor de uma escola municipal, Licenciada em Ciências com Habilitação em Matemática em uma instituição privada, tem experiência de sala de aula de 3 a 5 anos, leciona Biologia e ciências.
Professor 3 (P3) Professora de escola municipal, Licenciada em letras por uma instituição privada, tem em experiência de sala de aula de 3 a 5 anos, leciona Língua Estrangeira.
Professor 4 (P4) Professor de escola Estadual, Licenciado em Biologia por uma instituição privada, tem experiência de sala de aula de 1 a 2 anos, leciona Biologia e Química.
Professor 5 (P5) Professor de escola Estadual, Licenciado em Matemática por uma instituição privada, com especialização tem experiência de sala de aula há mais de 20 anos, leciona Matemática e Física
Professor 6 (P6) Professor de escola Privada (ESCOLA RELIGIOSA), Licenciado em letras por uma instituição privada, com especialização, tem experiência de sala de aula de 15 a 20 anos, leciona Língua Inglesa.
Professor 7 (P7) Professora de escola Privada (ESCOLA RELIGIOSA), Licenciado em letras por uma instituição pública e privada, com especialização, tem experiência de sala de aula de 15 a 20 anos, leciona Português, Espanhol e Inglês.
Professor 8 (P8) Professora de escola Privada (ESCOLA RELIGIOSA), Licenciado em letras por uma instituição privada, com especialização tem experiência de sala de aula de 15 a 20 anos, leciona Português.
Professor 9 (P9) Professor de escola Privada, Licenciado em Biologia por uma instituição Pública Federal, sem especialização tem experiência de sala de aula de 3 a 5 anos, leciona Biologia.
Professor10 (P10) Professor de escola Privada, Licenciado em Matemática por uma instituição privada, sem especialização, tem experiência de sala de aula de 6 a 9 anos, leciona Matemática.
Professor 11 (P11) Professora de escola Privada, Licenciada em letras por uma instituição privada, sem

especialização, tem experiência de sala de aula de 6 a 9 anos, leciona Redação (Leitura e Produção Textual).
Professor 12 (P12) Professor de escola Estadual, Licenciado em História por uma instituição privada, sem especialização, tem experiência de sala de aula de 3 a 5 anos, leciona História.
Professor 13 (P13) Professora de escola Estadual, Licenciada em História por uma instituição privada, sem especialização, tem experiência de sala de aula de 6 a 9 anos, leciona História.
Professor 14 (P14) Professor de escola Estadual, Licenciada em Matemática por uma instituição privada, sem especialização, tem experiência de sala de aula de 6 a 9 anos, leciona Matemática.

Quadro 2 – Categorização das respostas à pergunta "*Como você entende o conceito sexualidade?*"

CATEGORIA E DESCRIÇÃO	RESPONDENTES	%
I – Não entende.	P6, P10	14,3%
II – Entende apenas de forma Biológica.	P1, P3, P4, P5, P7, P11, P12, P13 E P14	64,2%
III – Entende de forma Psicossocial	P2, P8, P9	21,5%

Observando a tabela podemos observar que poucos dimensionam o conceito a valores mais amplos, a formas para obter prazer, o que de acordo com Salla (1981) faz do ser humano um ser biopsicossocial. Poucos entende que a sexualidade "é considerado de diversas formas, jeitos e maneiras que as pessoas buscam para obter ou expressar prazer", não restrita ao biológico, mas a algo também emocional (CHAUÍ, 1985).

Quadro 3 – Categorização das respostas à pergunta "Em que espaço de aprendizagem (escola, casa, rua) você acredita que o tema sexualidade deverá ser trabalhado? Por quê?"

CATEGORIA E DESCRIÇÃO	RESPONDENTES	%
I – Em todos os locais.	P1, P4, P5, P6 e P8	35,8%
II – Apenas em casa.	-	0%
III – Apenas na escola	P2, P3, P7 P9, e P14	35,6%
IV – Na escola e em casa	P10, P11, P12 e P13	28,6%

Podemos observar que os professores acham que a escola e em locais onde os alunos freqüenta é o ambiente mais propício para a atividade de orientação. Para Gherpelli (1996, p. 61), *a escola foi o* lugar eleito para inserir, no processo educacional, a educação preventiva, que ligado à sexualidade, envolve a definição de diretrizes que contemplem a formação integral do adolescente e a participação efetiva de todos os integrantes do universo escolar. Segundo VITIELLO em 2000 a discussão ocorrerá de forma mais contínua e duradoura, desde que essa orientação seja exercida por pessoas com as quais os adolescentes se identificam.

Quadro 4 – Categorização das respostas à pergunta "*Como você trabalha (ou trabalhou) o tema sexualidade em suas aulas?*"

CATEGORIA E DESCRIÇÃO	RESPONDENTES	%
I – Textos	P1 e P13	14,3%
II – Seminários	P2, P3,	14,3%
III – Diálogos	P4, P5, P6, P7, P8, P9, P10, P11, P12 e P14	71,4%

Quando questionados sobre propostas metodológicas para o trabalho do tema sexualidade na escola, a maioria utiliza-se dos diálogos. Para Seixas (1999)

> (...) o indivíduo, nessa fase, está construindo uma identidade própria; e nessa busca, é importante ressaltar que ele pode experimentar uma enorme multiplicidade de identificações, as quais podem ser bastante contraditórias entre si. Essa instabilidade é esperada e até mesmo desejada, porém cabe a seu meio ambiente, em especial a seus pais, estabelecer limites e orientar esse processo investigativo, para que ele seja feito com segurança, sem prejuízos permanentes para a sua saúde..." (p. 123).

Quadro 5 – Categorização do comentário "**É RESPONSABILIDDE DE TODOS OS PROFESSORES TRABALHAREM O TEMA SEXUALIDADE NA SALA DE AULA, INDEPENDENTE DE QUAL SEJA SUA DISCIPLINA"**

CATEGORIA E DESCRIÇÃO	RESPONDENTES	%
I – Sim, é de responsabilidade de todos os professores.	P1, P4, P6, P9, P11 e P12	42,9%
III – Não, é de responsabilidade dos professores de ciências/biologia.	P2, P3, P7, P10, P13 e P14	42,9%
III – É de responsabilidade da União	P5	7,1%
IV – Não tenho opinião	P8	7,1%

Percebemos que os professores ficaram vividos entre a responsabilidade da equipe de educadores e exclusivamente de professores de ciência/biologia. Ao retomarmos a leitura aos PCNs (1998), que colocam a sexualidade como tema transversal – permeando as diversas áreas do saber.
Dentro dessa perspectiva, seja no discurso verbalizado, seja no discurso silencioso, a sexualidade está percorrendo o currículo com um caráter de transdisciplinaridade e transversalidade que lhe é inerente, independentemente de sua sistematização como orientação sexual (FURTH, 1995).

Quadro 6 – Categorização das respostas à pergunta "Qual a maior dificuldade que você enfrenta para trabalhar o tema sexualidade em suas aulas?"

CATEGORIA E DESCRIÇÃO	RESPONDENTES	%
II – Nenhuma.	P5	7,1%
III – Educação e preconceitos por parte dos alunos.	P6, P8, P9, P11, P12 e P14	42,9%
IIII – Falta de entendimento do aluno.	P1, P2, P3, P4, P7, P10 e P13	50%

Os jovens de hoje ainda apresentam inúmeras dúvidas quando o assunto é sexualidade, da mesma forma que são vulneráveis para assimilar os impactos projetivos de pais, irmãos, amigos e de toda a sociedade, ou seja, são receptáculos propícios para se encarregarem dos conflitos dos outros. Isto é o

que atualmente presenciamos em nossa sociedade, que projeta suas próprias falhas nos assim chamados excessos da juventude, responsabilizando-a pela delinqüência, pela aderência às drogas, pela prostituição, (ABERASTURY, 1991). Muitas vezes a confiança com o professor requer um determinado tempo e enquanto isso demonstra desinteresse. Por isso o educador que se ocupa dessa tarefa – Orientação sexual – necessita conhecer-se a si próprio, conhecendo a história do homem e das sociedades através dos tempos. E neste sentido, as práticas amorosas e sexuais também se expressam, sendo elas produtoras e produtos da história e da cultura (CABRAL, 1995, p.154).

Quadro 7 – Categorização das respostas à pergunta "Qual a compreensão que você tem sobre a importância dos temas transversais?"

CATEGORIA E DESCRIÇÃO	RESPONDENTES	%
II – Não tenho conceito formado.	P5, P6, P7, P12 e P13	35,6%
III – Multidisciplinar	P1, P2, P3, P4, P8, P9, P10, P11 e P14	64,4%

Mesmo tendo a proposta de estudo da sexualidade como tema transversal, apresentada nos PCN (1998), é uma maneira de tentar amenizar a visão fragmentada que se tem do saber e do ser humano. Ainda temos oposição a essa ação educacional.

Quadro 8 – Categorização das respostas à pergunta "Em que contexto e em que amplitude você trabalha a transversabilidade do tema sexualidade?"

CATEGORIA E DESCRIÇÃO	RESPONDENTES	%
II – Não trabalha.	P1, P5, P9	21,4%
III – Trabalha com freqüência (UTILIZANDO TEXTOS)	P2, P3, P11	21,4%
IIII – Trabalha esporadicamente	P4, P6, P7 e P8	28,6%
IV – Toda vez que trabalho é de forma biológica	P10, P12, P13 e P14	28,6%

Para muitos professores, discutir sexualidade coloca-se como algo esporádico, em muitos casos, quando o tema vem átona, não sendo algo pensado, planejado para acontecer. Com isso os educadores que evitam abordar a discussão sobre a sexualidade não buscam informações para seu aperfeiçoamento, não desenvolvem e nem adquirirem habilidades didáticas para trabalhar o assunto, omitem-se de responsabilidade ética sobre sua função social e educacional (NUNES, 2000, p.118). A formação, a educação e os preconceitos que norteiam a vida dos atuais professores ainda impedem que, em instituições educacionais, os temas decorrentes da proposta de educação sexual – sexualidade – mais libertadora e menos preconceituosa e higienista sejam abordados com espontaneidade (SAYÂO, apud AQUINO, 1997).

Quadro 9 – Categorização das respostas à pergunta "*Como você avalia a participação de seus alunos quando se trabalha o tema sexualidade (considerar timidez, espontaneidade, preconceitos,...)?*"

CATEGORIA E DESCRIÇÃO	RESPONDENTES	%
II – Participativos	P6, P8, P9, P10, P11 e P14	42,9%
III – Recatados	P1, P4 e P7	21,4%
IIII – Depende do tema abordado	P5	7,1%
IIV – Não observou	P2, P3, P12 e P13	28,6%

Quando fala-se de algo que leva muitas vezes a solução de suas angustias torna-se mais fácil trazer o jovem a uma ótima discussão. Confirma-se assim que a temática é um fenômeno mais global por envolver nossa existência como um todo, por dar sentidos inesperados e ignorados a gestos, palavras, afetos, sonhos, humor, erros, esquecimentos, tristezas, atividades sociais como o trabalho, a religião, a arte, a política que, à primeira vista, nada têm de sexual (Chauí, 1985, p. 11).

6. CONCLUSÕES

Podemos concluir que a visão de muitos dos professores pesquisados ainda está voltado aos aspectos biológicos do ser humano, simplificando e limitando a relação da sexualidade a algo natural, implicado e reduzido a dois indivíduos que se relacionam por prazer e para perpetuar a espécie. Nas afirmações fica claro que, os professores, não se acham capacitados para trabalhar o tema, restringindo essa responsabilidade aos professores de Ciências/Biologia e aos profissionais da área de saúde.

Acreditam que não tem um local preferencial para trabalhar o tema, o que não podem restringir a discussão para a casa ou para a rua, mas aceitar que todos os ambientes serão propícios, sendo a escola, em sua dimensão política e social, um dos melhores espaços para que esta discussão aconteça. Ainda atribuem a especialistas a discussão de uma temática que é apresentada, como tema transversal. Muitos ainda atribuem tal responsabilidade aos professores de Ciências e Biologia, o que reforçam a compreensão da sexualidade aos aspectos biológicos do tema.

Contudo, ainda que alguns professores não sintam dificuldade em abordar o tema em sala de aula e trabalham com textos, revistas, filmes e diálogos, outros afirmam ter grandes problemas, justificando que os alunos apresentam vários preconceitos e que tudo deve ser acarretado pela distorção das informações, ou ausência de boas orientações, que a família e os amigos possam estar repassando aos mesmos. Segundo os professores a infra-estrutura não é fator limitante para abordagem do tema, mas a cultura dos pais, refletida de forma direta nos filhos. Como essa cultura não é tão lapidada, acaba prejudicando a abordagem e discussão do tema devido a vários conceitos errados.

Em síntese, compreendemos que os professores das diversas áreas de conhecimento precisam compreender a sexualidade na transversalidade de seu conceito, de qualificação e acompanhamento em relação ao tema, tendo em vista que normalmente esse tema não faz parte do currículo na sua formação como docente. Muitos, em suas aulas, tratam a sexualidade como algo limitado e restrito, explorando seus conceitos de modo errôneos ou limitados, o que ocasiona o reforço de vários conflitos e preconceitos entre os jovens, muitos destes, nossos alunos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pelo dom da vida que mim concedeu, por todas as vitórias que mim concedeu e pela paciência tem comigo. Aos meus familiares amigos. Ao professor Kênio Erithon Cavalcante Lima que dedicou durante esse tempo, não só preciosos momentos do seu tempo a me orientar em meus estudos acadêmicos, como também pela sua paciência e amizade. A universidade Federal de Pernambuco/Centro Acadêmico de Vitória, onde pude ter oportunidades impares, tanto para minha vida acadêmica como para minha vida pessoal. Aos professores que foram responsáveis por toda minha formação, desde alfabetização (a qual foi minha mãe) até a minha graduação.

REFERÊNCIAS

ABERASTURY, A.; KNOBEL, M**. Adolescência normal**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.

ALTMANN, H. Orientação sexual nos parâmetros curriculares In: **Estudos Feministas**.Vol. 9, N. 2/2001, pp575-585. Florianópolis, SC, UFCS/ CFH/CCE. 2001.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**, 3 ed. Lisboa: Edições 70, 2004. 223p.

BERNARDI, M. ***A deseducação sexual***. São Paulo: Summus, 1985.

BRASIL, **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Apresentação dos temas Transversais. Secretaria da educação Fundamental, Brasília:MEC/SEF,1998.

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**:pluralidade cultural, orientação sexual**.** Brasília: MEC/SEF, 1997.

CABRAL, J. T. **A sexualidade no mundo ocidental**. Campinas: Papirus, 1995

CARNES, P., D., D. Griffin, E., & Moriarty, J. (2001). Nas sombras da rede: Quebrando livre de comportamentos sexuais online. Centro da cidade, MN: Hazelden, 2006.

CARVALHEIRA, A., & GOMES, F. A. Cybersex em Português chat: Um estudo sobre comportamentos sexuais relacionada com o sexo online. **Journal of Marital Therapy & Sexo**, 2003.

CARVALHO, S. P. **Sexualidade, educação e cultura: instantâneos de escolas de Cuiabá e Várzea Grande**. Cuiabá. 2005.

CASTRO, M. G.; ABRAMOVAY, M; SILVA, L.B. ***Juventudes e Sexualidade***,Brasília: UNESCO, 2004.

CHAGAS, E. R. C. **Educação Sexual: Reflexões e Proposta**. Revista Educação, Porto Alegre, n. 30, p.137-154, 1996.

CHAUÍ, M. Educação Sexual: instrumento de democratização ou de mais repressão? **Cadernos de pesquisa**. São Paulo (36); p.99-110,fev.1981.

DUARTE, L. F. D. A sexualidade nas ciências sociais: leitura critica das convenções. **Sexualidades e saberes – convenções e fronteiras**. Rio de Janeiro. Garamoud. 2004.

FERNÁNDEZ, A. **A Mulher Escondida na Professora - uma leitura psicopedagógica do ser mulher, da corporalidade e da aprendizagem**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

FOUCAULT, M. **A Ordem do Discurso**. São Paulo:Loyola,1999.

GHERPELLI, M. H. V. A educação preventiva em sexualidade na adolescência. **Série Idéias.** São Paulo: FDE, n. 29, p. 61-72, 1996.

IMPERATORI, T.; SANTOS, W. R. ; LIONCO, T. ; DINIZ, D. . ***Qual diversidade sexual dos livros didáticos brasileiros?*** In: Seminário Internacional Fazendo Gênero 8 - Corpo, Violência e Poder, 2008, Florianópolis. Anais do Seminário Internacional Fazendo Gênero 8. Florianópolis: Editora Mulheres, 2008.

KEHL, M. R. **A mínima diferença: masculino e feminino na cultura**. Rio de Janeiro. Imago. 1996.

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópilis - RJ: Vozes,1998.

LOURO, G. L. **Um corpo estranho. Ensaios sobre sexualidade e teoria queer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

LUZ, A. M. H. **Mulher Adolescente: Sexualidade, Gravidez e Maternidade**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999.

MORAES, R. **Análises qualitativas: Análise de conteúdo? Análise de discurso?** Porto Alegre: Mimeo, 1995.

NUNES, C. **Desvendando a sexualidade**. Campinas: Papirus,1997.

OLIVEIRA, M. W.. Gravidez na adolescência: Dimensões do problema. **Cadernos Cedes**, ano XIX,nº 45, julho/ 98

PINTO, L. F. A (Des)Educação Sexual na Televisão. Salvador: **Revista da FAEEBA**,1994.

RISCAROLLI, E. **Gênero e sexualidade nas práticas escolares**. Editora Universitária da Universidade Federal do Tocantins, v. 01. Tocantins, 2005.

ROCHE, F. **Sexualidade infantil.** Disponível em: <http://guiadobebe.uol.com.br/bb2a3/sexualidade.htm, 2010.

SALLA, L. F. Educação Sexual: instrumento de democratização ou de mais repressão? **Cadernos de pesquisa**. São Paulo (36); p.99-110,fev.1981.

SEIXAS, A. H. Abuso sexual na adolescência. In: SCHOR, Nélia; MOTA, Maria do Socorro F. Tabosa; CASTELO BRANCO, Viviane. (Org.). **Cadernos juventude, saúde e desenvolvimento.** Brasília, DF: ministério da Saúde, Secretaria de Políticas da Saúde, 1999. p. 117-135.

SILVA, M. P. **O desenvolvimento do ´Conhecimento Pedagógico do Conteúdo de sexualidade entre professores do ensino fundamental**, 2004.

SILVA, M. S. da; SILVA, M. R. da; ALVES, M. de F. P. Sexualidade e adolescência: é preciso vencer os tabus. **CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA**, 2. -12 a 15 de setembro de 2004, Belo Horizonte. **Anais**... Belo Horizonte, 2004.

SOUZA, N. G. S. de. Escola e Sexualidade. **Revista de Estudos**, Novo Hamburgo,v.16(1), p.72-75,1993.

VEIGA, S. G. Subjetividade/Sexualidade: uma questão pedagógica. **Caderno de Aplicação,** Porto Alegre, v.10, n.2,jul./dez. 1997.

VITIELLO, N. **Sexualidade: quem educa o educador***:* um manual para jovens e educadores. 2 ed. São Paulo; Iglu, 2000.

WEREBE, M. J. G. **Sexualidade, Política e Educação**. São Paulo: Autores Associados, 1998.